



“Construyendo patrimonio. Mecenazgo y promoción artística entre América y Andalucía”. Coordenação de Guadalupe Romero Sánchez

“Construyendo patrimonio. Mecenazgo y promoción artística entre América y Andalucía”. Coordinated by Guadalupe Romero Sánchez

Lorena da Silva Vargas

ORCID: 0000-0001-5281-3335

Universidade Federal de Goiás, UFG, Brasil.

Resumo

Lançada na Espanha em 2019 pelo grupo de pesquisa “Andalucía-América. Patrimonio y relaciones artísticas”, da Universidad de Granada, a obra “Construyendo patrimonio. Mecenazgo y promoción artística entre América y Andalucía” (Publicacions de la Universitat Jaume I, 2019, 219 pàgines, ISBN: 978-84-17429-60-7), coordenada por Guadalupe Romero Sánchez, busca evidenciar os intercâmbios culturais possibilitados pelo patronato artístico entre a região da Andaluzia e o continente americano desde a modernidade. Apresentaremos aqui um panorama da obra como convite à leitura, ressaltando sua relevância aos estudos artísticos interatlânticos.

Palavras-chave

Patronato Artístico. Patrimônio. América. Andaluzia. Idade Moderna. Idade Contemporânea.

Abstract

Released in Spain in 2019 by the research group “Andalucía-América. Patrimonio y relaciones artísticas”, from the Universidad de Granada, the book *Construyendo patrimonio. Mecenazgo y promoción artística entre América y Andalucía* (Publicacions de la Universitat Jaume I, 2019, 219 pages, ISBN: 978-84-17429-60-7), coordinated by Guadalupe Romero Sánchez, seeks to highlight the cultural exchanges made possible by the artistic patronage between the Andalusia region and the American continent since modernity. We will present here an overview of the work as an invitation to read, emphasizing its relevance to inter-Atlantic artistic studies.

Keywords

Artistic Patronage. Heritage. America. Andalusia. Modern Age. Contemporary Age

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.43
Jan/jun 2020
e-ISSN: 2179-8001

Os intercâmbios artístico-culturais entre a América e a Península Ibérica há muito conquistou espaço na historiografia tanto americana quanto portuguesa e espanhola. Entretanto, atenta-se prioritariamente aos laços determinados pela colonização, atrelando metrópoles às suas respectivas antigas colônias a fim de entender processos de formação e transformação cultural. Ultrapassando essa perspectiva, o grupo de estudos *Andalucía-América. Patrimonio y relaciones artísticas* com sede na Universidad de Granada, Espanha, vem se dedicando à zona de intercâmbio que compreende especificamente a região da Andaluzia, no sul da Espanha, e a América, em especial as chamadas “regiões periféricas” do continente americano no que tange a um vínculo direto com a Espanha, onde se destacam Brasil e Estados Unidos. Nesse recorte espacial, as transferências culturais na modernidade e na contemporaneidade são estudadas e apresentadas por autores de distintas nacionalidades ao longo dos nove capítulos de *Construyendo patrimonio. Mecenazgo y promoción artística entre América y Andalucía*.

Migrações de artistas, devoções e hábitos, tal como o patronato de obras de arte dos dois lados do Atlântico, são exemplos das linhas de pesquisa desenvolvidas pelo grupo *Andalucía-América*, resultando em publicações tais como *América: cultura visual y relaciones artísticas*, de 2015 e *De Sur a Sur. Intercambios artísticos y relaciones culturales*, de 2017. Em *Construyendo patrimonio*, aprofundam-se as relações artístico-culturais, enfatizando a temática da promoção da arte, contratação de artistas e financiamento de obras em nome da fé, da salvação e da manutenção de um status social.

No primeiro capítulo, Yolanda Fernández Muñoz, professora do Departamento de Arte e Ciências do Território da Universidad de Extremadura, discorre sobre *El marqués de Salinas: promotor de las principales obras de Becerra en la Ciudad de los Reyes*. Vice-rei de Nova Espanha entre 1590 e 1595 e entre 1607 e 1611, bem como do Peru entre 1596 e 1604, Luis de Velasco – que receberia o título de marquês de Salinas – buscou no financiamento de obras públicas uma forma de promover seu governo. Para tanto, encarregou o arquiteto Francisco Becerra, natural de Estremadura, da execução de obras tais como o Palácio Vice-real, o *corral de comedias* – ou teatro de comédias – e a catedral, todas em Lima. No decorrer do capítulo, a autora analisa cada uma das três edificações, elencadas como as mais destacadas do governo Velasco. Ressaltam-se suas características estéticas e estruturais apresentando, como no caso da catedral de Lima, a que modelo hispano o arquiteto seguiu em consonância com a realidade da qual provinha. O modelo, a catedral de Sevilha, ainda que ocupando o eixo central para se pensar o novo templo, foi adaptado à realidade local, às condições econômicas e naturais da colônia.

A religiosidade e a memória como fins da arte são evidenciadas em *Devoción y mecenazgo: la capilla funerária del virrey del Perú conde de Villardompardo*, por Inmaculada Rodríguez Moya, docente do Departamento de História, Geografia e Arte da Universitat Jaume I. Em uma rica apresentação biográfica de Fernando de Torres y Portugal, a autora apresenta as origens andaluzas do conde de Villardompardo, o qual responderia também pelo título de vice-rei do Peru entre 1585 e 1592. Durante seu mandato, investiu na construção e reforma de edifícios tais como as Casas Reais,

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.43
Jan/jun 2020
e-ISSN: 2179-8001

além de atentar-se à implantação de fortificações e fundação de cidades. Atuou nas transferências artísticas de Espanha à América por meio, por exemplo, da encomenda de peças de prata a um prateiro madrileno em 1584, a fim de levá-las consigo ao Peru; ao regressar a Sevilha, em 1592, atuou como mecenas na construção da nova capela funerária da Catedral de Jaén, tanto em arquitetura quanto em ornamentação. Sua atuação, entretanto, segundo fundamenta a autora, condizia com o caráter devocional do vice-rei: sua preocupação se reservava à edificação da nova capela funerária, na qual estariam depositados seus restos mortais, os de seus familiares e os dos condestáveis de Castela, em uma fusão de devoção e manutenção de sua memória. Assim, a pedido testamentário de Fernando de Torres y Portugal, fariam parte da capela uma grande cripta ou abóbada, uma porta e arcos com as armas da família, um retábulo, ornamentos litúrgicos em prataria e ornamentos têxteis por ele encarregados, todos contendo os escudos dos Torres y Portugal, a imagem da Santíssima Trindade, Maria Madalena ou da Virgem Maria.

No capítulo três, *El mecenazgo de María Manuela de Mori en la iglesia lebrijana*, María del Castillo García Romero, pesquisadora da Universidad de Sevilla, traz ao debate a figura feminina nas configurações de mecenato artístico, destacando seu papel na promoção artística especialmente no interior da corte. Para tanto, emprega o termo *matronato* em referência ao poder feminino atuante no amparo à arte. Tratando da cidade de Lebrija, na província de Sevilha, a autora destaca o papel da única mecenas da região na segunda metade do século XVIII, María Manuela de Mori y Cosíos. Procedente de Yanhuitlán, atual estado de Oaxaca, no México, Mori y Cosíos trasladou-se a Lebrija, cidade natal de seu marido, José de Mora, onde viveu até seu falecimento, em 1795. A religiosidade explícita da personagem, conforme é discorrido no capítulo, moveu o patrocínio à arte sacra, tanto em sua terra natal quanto em Lebrija, principalmente após a morte do marido, em 1764. Em Yanhuitlán foi patrona de capelas, enquanto que na cidade espanhola destacou-se por financiar o douramento do retábulo maior da igreja do convento de São Francisco e o retábulo da igreja do convento de Santa María de Jesús. Paralela ao retábulo de Santa María de Jesús, está uma pintura barroca representando Nossa Senhora de Guadalupe, levantada no capítulo como um possível intercâmbio artístico entre Nova Espanha e a Península por financiamento de María Manuela. Sem herdeiros, María Manuela e José de Mora doaram seus bens ao Hospital de la Santa Caridad de la villa, ao convento de Santa María de Jesús e solicitaram a criação de uma escola pública para ensino do catolicismo. Aqui, a linha entre religiosidade e memória é tênue, onde, entre a devoção e a reminiscência da vida terrena está a busca incessante pela salvação da própria alma e das de seus familiares.

Aprofundando-se nos intercâmbios entre a cidade de Granada e a América, Guadalupe Romero Sánchez, professora do Departamento de Didática das Ciências Sociais da Universidad de Granada, apresenta casos de doações feitas por residentes nas colônias – fossem eles espanhóis ou americanos – para diversos edifícios religiosos em construção ou reforma em Granada entre os séculos XVI e XVII, como os conventos de Santo Agostinho, de São José, de Nossa Senhora da Cabeça ou o de Santa Cruz. Dentre as doações estavam a reforma do edifício, de capelas específicas ou a ornamentação de

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.43
Jan/jun 2020
e-ISSN: 2179-8001

imagens. Destaca-se ainda a doação de uma fazenda ao convento dos Santos Mártires por parte de Pedro Galera, colono filho de granadinos, bem como doações a conventos destinadas ao casamento de órfãos pobres. De forma destacada, recebeu o Convento de Nossa Senhora das Graças de Granada diversos benefícios provindos da América. Ali, nomes como José de Montalvo y Palma e Luis Cortés de Puebla investiram em candelabros, abóbadas e na ornamentação do edifício. Outro elemento de destaque é o oratório que se conserva na Basílica das Angústias, importado de Quito por Luis Pérez Navarro, natural de Almería. Conclui a autora que, para além dos grandes investimentos na própria estrutura dos edifícios, houve também importantes financiamentos em ornato e em formação humana com recursos americanos, expressão de memória e fé.

Ana Ruiz Gutiérrez, docente do Departamento de História da Arte da Universidad de Granada, trata da Catedral do México e o financiamento por parte da família Moreno Beltrán-Cerrato, especificamente pelos irmãos Agustín Moreno y Castro – marquês – e Alonso Moreno y Castro – clérigo. Naturais de Granada e procedentes de família tradicional espanhola, partiram para o México no século XVIII. Ambos tiveram importante papel no patronato artístico mexicano, de modo destacado na Catedral do México, para a qual Alonso financiou, dentre outros elementos, o vitral de Santo Cristo, e comandou de perto obras ornamentais e estruturais no edifício. A autora destaca a capela da Virgen de las Angustias, padroeira de Granada, atentando-se ao retábulo de autoria desconhecida, datado de 1769, no qual toma o centro uma tela com a imagem da Virgem, além da imagem, em escultura, de São João de Deus, também venerado em Granada. O gosto artístico e devocional dos irmãos destacou-se em suas vidas e testamentos, tal como apresenta Ana Ruiz em um detalhado levantamento dos bens artístico-religiosos dos Moreno.

No sexto capítulo, Adrián Contreras-Guerrero, pesquisador da Universidad de Granada, discute *El mercado escultórico en la Nueva Granada. Oferta, demanda y precios* durante o século XVIII. O predomínio do clero e das confrarias como público alvo da arte sacra nova granadina torna-se evidente no capítulo por meio do repertório de mecenas apresentado. Dentre eles pode-se destacar a representação feminina por meio da abadessa Mariana de San Estanislao y Saa, do convento da Encarnação, à quem se atribui a reconstrução da igreja do convento, a montagem do conjunto de retábulos, dentre outros investimentos. Inseridos no baixo número de civis mecenas estão aqueles dotados de maior poder aquisitivo, especialmente membros do governo e mercadores. Assim, dentre os motivos que moveram o financiamento e a compra de imagens, tanto para uso doméstico quanto para os templos, por parte do clero e da comunidade civil, estavam: a fé, o apoio e fomento à oração e à evangelização, a expressão de status social e a manutenção de boas relações com o Tribunal da Inquisição. Faz-se menção ainda às imagens não religiosas encomendadas, tal como a de frei Cristóbal de Torres, localizada na Universidad de Rosario, Bogotá. Outra informação que traz o autor é a encomenda de imagens por parte dos indígenas, para uso pessoal ou para as confrarias. Tais imagens eram produzidas com menos recursos e por "artistas menores", ainda que o anonimato artístico fosse comum em todas as esferas produtivas, sendo o artista responsável pelas obras reconhecido ge-

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.43
Jan/jun 2020
e-ISSN: 2179-8001

nericamente como carpinteiro. No decurso do capítulo, discute-se ainda a itinerância dos artistas e o comércio de suas obras, às quais se atribuía um valor de troca que poderia equivaler a dois anos e quatro meses de trabalho de um encomendero e dez de um agricultor, a depender da origem, técnicas e materiais utilizados.

O sétimo capítulo, escrito pelo professor da Pontifícia Universidad Católica del Perú, Diego Lévano Medina, coloca em evidência as relações de patronato em Lima, tomando por figuras chave as confrarias. Essas revelavam-se importantes mecenas da arte vice-real frente ao poder econômico e prestígio que detinham, encomendando principalmente retábulos e imagens do santo padroeiro do grupo. A variedade de confrarias em Lima no século XVII perpassava todas as esferas sociais, tal como apresenta a estimativa levantada pelo autor, que revela o número crescente de confrarias de espanhóis, índios e negros de 1613 a 1639. A arte, em consequência, tomou também valores variados. Desde a Península, especialmente desde Sevilha, embarcavam-se peças de arte, como esculturas, pinturas, gravuras, livros e objetos litúrgicos encomendados por americanos, formando-se uma rede de relações entre artistas, mercadores e compradores. A arte religiosa que chegava a Lima era, portanto, produzida especialmente pelas mãos de artistas formados nas escolas andaluzas, reconhecidas nos Vice-Reinos, não podendo nos esquecer, entretanto, da importante circulação de arte dentro da América, como no caso dos intercâmbios entre Peru e México, também ressaltados no capítulo.

As relações artísticas entre Andaluzia e Brasil ganharam destaque na coletânea por meio de um recorte contemporâneo dado pela fotografia de Pierre Verger (1902-1996), a quem se dedica o oitavo capítulo a cargo dos professores Adriana Vidotte – Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás – e Adailson José Rui – Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Alfenas. O francês que viveu boa parte da vida no Brasil encontrou na fotografia um meio de romper com a realidade elitista a qual pertencia, assumindo uma nova forma de ver e viver o mundo. Com sua câmera, passou pelos Estados Unidos, Japão, China, França, Taiti, Brasil, Rússia, dentre diversos outros países, chegando a Sevilha, em 1935. Os autores ressaltam a relação entre a arte fotográfica e a realidade política dos anos 1930 na Espanha, a capacidade de captação do "inconsciente óptico" e o desenvolvimento da reportagem fotográfica no jornalismo. Verguer captou imagens de manifestações políticas na cidade de Sevilha, incluindo a presença de Antonio Álvarez, importante figura da resistência andaluza, fazendo da fotografia mais que um relato jornalístico, mas um documento memorialístico e historiográfico que envolve o tempo, a cultura e o espaço. As fotografias andaluzas de Verger, atualmente localizadas na Fundação Pierre Verger em Salvador, saíram em exposição itinerante intitulada *Andalucía 1935* entre os anos de 2006 e 2009, percorrendo diversas cidades brasileiras, espanholas, paraguaias, chilenas, peruanas e mexicanas. Ao longo do capítulo, os autores fazem uma analogia entre a concepção fotográfica de Verger e a de seu conterrâneo e contemporâneo, o fotógrafo Henri Cartier-Bresson, para o qual a fotografia envolvia a racionalidade da caça e a captura de um momento exato, em contraposição à sensibilidade do inconsciente nas obras de Verger e sua atração pela alegria andaluza da resistência.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.43
Jan/jun 2020
e-ISSN: 2179-8001

Fechando o livro, Hélène Fontoira e Cristina Doménech, do The Hispanic Society of America Museum & Library, trazem à cena os Estados Unidos e a escultura da espanhola Luisa Roldán, acolhida por aquele país. Sevilhana nascida em 1652, Roldán tornou-se um dos grandes nomes do barroco espanhol, tendo sido escultora de câmara de Carlos II e Felipe V. Suas peças chegaram aos Estados Unidos pela aquisição por parte de sacerdotes jesuítas no século XX e colecionadores no século XXI, atraídos pelas características angelicais e naturais das obras, cuja boa parte se concentra atualmente no Metropolitan de Nova York e na Hispanic Society of America Museum & Library. Encarregando a policromia em grande medida a seu cunhado, Tomás Antonio de los Arcos, Roldán, dedicava-se à escultura, especialmente em terracota, sendo suas obras comparadas pelas autoras às de Bartolomé Esteban Murillo, em quem a artista haveria se inspirado.

Construyendo patrimonio destaca-se como uma obra de caráter ímpar aos estudos patrimoniais, artísticos e culturais nos dois lados do Atlântico. Ao agregar uma diversidade de artistas, mecenas, técnicas, materiais e linguagens visuais, coloca em cena uma rica rede de intercâmbios entre Andaluzia e América como chave memoria-lística, religiosa e de crítica social.

REFERÊNCIAS

- LÓPEZ GUZMÁN, Rafael. *De Sur a Sur. Intercambios artísticos y relaciones culturales*. Universidad de Granada, 2017.
- LÓPEZ GUZMÁN, Rafael; GUASCH MARÍ, Yolanda; ROMERO SÁNCHEZ, Guadalupe (Coords.) *América: cultura visual y relaciones artísticas*. Universidad de Granada, 2015.
- ROMERO SÁNCHEZ, Guadalupe (Coord.) *Construyendo patrimonio. Mecenazgo y promoción artística entre América y Andalucía*. Publicacions de la Universitat Jaume I, 2019.



Lorena da Silva Vargas

Mestra em História pela Universidade Federal de Goiás - PPGH/UFG-CNPq. Graduada em História pela Universidade Federal de Goiás - UFG com mobilidade acadêmica na Universitat de Barcelona - UB e graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Goiás - UFG - Regional Goiás. Interlocutora do núcleo UFG do Laboratório de Estudos Medievais - LEME, membro da Associação Brasileira de Estudos Medievais - ABREM, da Associação Nacional de História - ANPUH e do Comité Español de Historia del Arte - CEHA.

Texto recebido em: 21/12/2019
Texto aceito em: 23/03/2020
Texto publicado em: 30/06/2020

Como citar: VARGAS, Lorena da Silva. Construyendo patrimonio. Mecenazgo y promoción artística entre América y Andalucía. *Porto Arte: Revista de Artes Visuais*. Porto Alegre: PPGAV-UFRGS, jan-jun, 2020; V 25; N.43 e-ISSN 2179-8001.

DOI: <https://doi.org/10.22456/2179-8001.99142>
